

Topônimos escandinavos na Ilhas Britânicas

Prof. Ms. João Bittencourt de Oliveira

Departamento de Línguas e Literatura (IAP/UERJ)
Membro do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos
João.bittencourt@bol.com.br

Resumo

Dentre as mais notáveis provas do vasto povoamento escandinavo na Inglaterra está o grande número de lugares que trazem nomes escandinavos. As invasões e os povoamentos escandinavos aconteceram durante os séculos IX, X e XI e resultaram num grande número de topônimos de origem escandinava no norte e no leste da Inglaterra. Os Vikings foram para a Grã-Bretanha provenientes de dois países escandinavos, a Dinamarca e a Noruega, os Daneses se fixando principalmente na Ânglia Ocidental, Midlands Ocidental, e numa grande parte de Yorkshire, ao passo que os Noruegueses se concentraram principalmente no noroeste, especialmente em torno das ilhas e costas da Escócia, Irlanda e Inglaterra Oriental (Lancashire e Cúmbria). O nórdico antigo, uma língua da qual tanto o dinamarquês como o norueguês se originaram, era falado (com variantes dialetais) pelos povoadores vikings que ocuparam diversos pontos no norte das Ilhas Britânicas durante a Era Viking (abarcando desde os fins do século VII até o século XI). Na sua estrutura geral, o nórdico antigo era muito semelhante ao inglês-saxônico, representando as duas línguas as divisões setentrional e ocidental do germânico num estágio comparável de sua evolução. O objetivo do presente trabalho é apresentar um relato de pesquisas recentes sobre as origens de topônimos escandinavos nas Ilhas Britânicas.

Palavras-chave: Línguas Escandinavas; Toponímia escandinava; Ilhas Britânicas

Abstract

Among the most notable evidence of the extensive Scandinavian settlement in England is the large number of places that bear Scandinavian names. The Scandinavian invasions and settlements took place during the 9th, 10th, and 11th centuries and resulted in many place-names of Scandinavian origin in the North and East of England. The Vikings came to Britain from two Scandinavian countries, Denmark and Norway, the Danes settling principally in East Anglia, the East Midlands, and a large part of Yorkshire, while the Norwegians were mainly concentrated in the North-West, especially around the islands and coasts of Scotland, Ireland and western England (Lancashire and Cumbria). The Old Norse, a language from which both Danish and Norwegian are derived, was spoken (with dialect variations) by the Viking settlers who occupied many places in the north of the British Isles during the Viking Age (spanning the late 8th to 11th centuries). In its general structure Old Norse was very similar to Old English, the two languages representing the northern and western divisions of Germanic at a comparable stage of their evolution. The aim of the present paper is to give an account of recent researches dealing with the Scandinavian origins of place-names in the British Isles.

Key words: Scandinavian languages; Scandinavian toponymy; British Isles

1. Introdução

O presente artigo propõe-se a apresentar uma pequena contribuição para o estudo da influência escandinava sobre a formação de alguns topônimos nas Ilhas Britânicas, destacando as áreas ocupadas pelos Vikings entre os séculos IX e XI.

A partir do ano 787 d. C, os Vikings, oriundos das regiões onde hoje se situam a atual Dinamarca e a Noruega¹, empreenderam os primeiros ataques de surpresa sobre a maior parte da Ilhas Britânicas. Após muita luta selvagem eles finalmente estabeleceram uma convivência relativamente pacífica com os Anglo-Saxões. Os atuais condados de Yorkshire, Derbyshire, Lincolnshire, Leicestershire, Norfolk e Suffolk ficaram subjugados ao regime dinamarquês. A língua escandinava², o nórdico antigo (*Old Norse*), possuía as mesmas raízes do anglo-saxônico (*Old English*), assim sendo, com o passar dos anos, as duas línguas começaram a se misturar nas áreas dos assentamentos vikings. Existem mais palavras escandinavas em Norfolk do que em Suffolk, sugerindo que os primeiros invasores vikings teriam navegado pelo rio Yare e, por fim, se estabelecido nas proximidades.



Figura 1: A Rök Runestone (Pedra Rök) em Östergötland, Suécia, é a mais longa fonte sobrevivente do nórdico antigo. Possui inscrições em ambos os lados. Tem cerca de 382 cm de altura (dos quais 125 debaixo da terra), 138 cm de largura e entre 19 e 43 cm de espessura. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Old_Norse

As inscrições rúnicas constituem, sem dúvida, a principal fonte de informação para o estudo do nórdico antigo antes da introdução do alfabeto latino na Escandinávia, no século XI d.C., passando a ser utilizado para a escrita das línguas vernáculas (na Islândia e Noruega em 1150 aproximadamente; na Dinamarca e Suécia por volta de 1250). Outras fontes, entretanto, complementam estas evidências, tais como os textos das *Eddas* (coleção de poemas em norueguês antigo preservados no manuscrito islandês *Codex Regius*, do século XIII), as *sagas* (narrativas em prosa, históricas ou lendárias,

nórdicas, redigidas sobretudo na Islândia, nos séculos XIII e XIV; topônimos e antropônimos presentes na obra de autores estrangeiros (sobretudo anglo-saxônicos e irlandeses) e as obras escritas em latim na Escandinávia (posteriores a 1100).

Por mais de mil anos após a invasão dos Vikings nas Ilhas Britânicas, muitos topônimos de origem escandinava são ainda reconhecíveis aos falantes nativos das línguas escandinavas modernas. O significado de alguns topônimos que podem parecer obscuros aos falantes do inglês contemporâneo podem em muitos casos ser facilmente compreendidos pelos povos da Escandinávia, como por exemplo, Skokholm (nome de uma bela ilha nas costas do País de Gales). Esse topônimo é formado pelos elementos escandinavos *skog* “floresta” + *holm* “ilhota”. Os Vikings que visitaram o Canal de Bristol deram nomes a esta e a outras ilhas, e esses nomes perduraram até os dias atuais.³

2. Antecedentes históricos: a Era Viking⁴

A Era Viking é um termo para designar um período na história europeia, especialmente do norte europeu e da Escandinávia, estendendo-se do século VIII ao XI. Os Vikings escandinavos, provenientes das regiões onde hoje se situam a Noruega, a Dinamarca e a Suécia,⁵ exploraram grande parte da Europa através dos oceanos e dos rios, motivados, principalmente, pelo comércio e pela guerra. Os Vikings alcançaram também a Islândia, a Groenlândia, a ilha de Terra Nova (no noroeste do Oceano Atlântico) e, possivelmente, a Vinlândia⁶ (ao sul da América do Norte).

Próximo ao final do período do inglês-saxônico (meados do século V a meados do século XII), a língua inglesa sofreu a terceira influência estrangeira de sua história⁷, como resultado do contato com outra língua importante, o nórdico antigo (*Old Norse*). Durante alguns séculos os escandinavos haviam permanecido tranquilos em suas terras nórdicas. Porém, no século VIII uma mudança, possivelmente de ordem econômica ou social, ocorreu naquela região e provocou entre eles um espírito de inquietação e de empreendimento aventureiro. Começou, então, uma série de ataques a todas as terras adjacentes ao Mar do Norte e Mar Báltico. Suas atividades começaram com saques e terminaram em conquistas. Os Suiões estabeleceram um reino na Rússia; os Daneses colonizaram partes das Ilhas Britânicas, as Ilhas Faroé e a Islândia, e daí avançaram até a Groenlândia e, por fim, atingiram as costas de Labrador, Terra Nova; os Daneses finalmente conquistaram a Inglaterra. O pináculo de sua realização foi alcançado no começo do século XI quando Canuto, cognominado o **Grande** (cerca 995 — 12 de Novembro de 1035), rei da Dinamarca, obteve o trono da Inglaterra, conquistou a Noruega, e de sua capital inglesa governou a maior parte do mundo escandinavo. Os destemidos corsários a quem se atribuíam essas façanhas extraordinárias são conhecidos como os Vikings, e o período de sua atividade, que se estende de meados do século VIII ao início do século XI, é conhecido como a Era Viking. Toda a influência escandinava sobre o inglês antigo ou inglês-saxônico (*Old English*) é uma consequência direta dos ataques, assentamentos e conquista final da Inglaterra pelos Vikings.

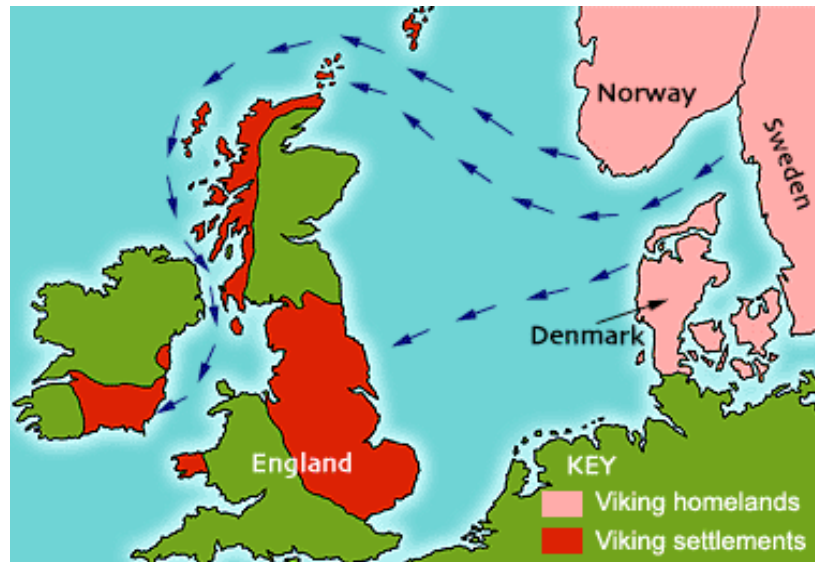


Figura 2: Os Vikings eram grandes viajantes e navegaram por toda Europa pelo Atlântico Norte em seus longos navios. Alguns eram piratas ferozes que atacavam de surpresa pessoas locais para roubar tesouros. Porém, a maioria dos Vikings que cruzavam os mares estava simplesmente buscando melhores terras para cultivo. A Era Viking começou há cerca de 1200 anos no século VIII e durou cerca de 300 anos. O mapa acima mostra as áreas de maior incidência da influência viking nas Ilhas Britânicas.

Fonte: <http://www.bbc.co.uk/schools/vikings/invasion/index.shtml>

Segundo Baugh e Cable (1993: 90-92), os ataques escandinavos à Inglaterra ocorreram em três etapas bem distintas. A primeira se deu, conforme as *Anglo-Saxon Chronicles (Crônica Anglo-Saxã)*⁸, em 787 e continuou com alguns intervalos até por volta de 850. Os ataques desse período simplesmente consistiam em saques das cidades e mosteiros próximos às regiões costeiras. Vasos sagrados de ouro e de prata, sacrários adornados com jóias, mantos valiosos e todos os tipos de objetos eram levados à força, e os povos ingleses eram capturados e escravizados. Exemplos notórios são os saques de Linisforne (ou Holy Island “Ilha Sagrada”) e Jarron, respectivamente, em 793 e 794. Porém, com as pilhagens desses mosteiros famosos, os ataques aparentemente cessaram por cerca de quarenta anos, sendo retomados em 834, ao longo da costa sul e da Mércia Oriental (na região das Midlands). Ao que tudo indica, as incursões desse período foram realizadas por pequenos bandos isolados.



Figura 3: O navio Oseberg , localizado na península do Bygdoy, a dez minutos do centro de Oslo, Noruega, o pequeno Museu do Barco Viking (em norueguês: *Vikingskipshuset*) guarda achados arqueológicos que ajudam a entender como esse povo nórdico, que habitava uma das regiões mais remotas do planeta, pôde se expandir e conquistar novas terras. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Viking_ship

O segundo estágio teve a participação de grandes tropas e foi marcado por saques espalhados em todas as partes do país e por assentamentos extensos. Esse novo desenvolvimento foi inaugurado pela chegada da esquadra danesa composta de 350 navios. Sua tripulação de piratas hibernou na ilha de Thane (localizada no ponto mais oriental de Kent, Inglaterra) e na primavera seguinte capturou Cantebury⁹ e Londres e saqueou as redondezas. Embora derrotados pelo exército saxônico ocidental, logo renovaram seus ataques. Em 866, um numeroso exército danês saqueou a Ânglia Oriental (região hoje pertencente aos condados de Norfolk e Suffolk) e em 867 capturou York. Em 869, o rei da Anglia Oriental, Edmundo, foi capturado numa batalha e teve uma morte cruel ao resistir aos invasores. O incidente causou uma profunda impressão em toda a Inglaterra, e a memória de seu martírio foi vivamente preservada na tradição inglesa durante quase dois séculos. A parte oriental da Inglaterra ficou então largamente nas mãos dos Daneses, que começaram a voltar a atenção para Wessex. A investida sobre Wessex teve início pouco antes da ascensão do Rei Alfredo o Grande (849-899) que reinou desde 871 até sua morte. A grandeza desse rei, entretanto, mostrou-se insuficiente para conter os repetidos ataques dos Nórdicos. Após sete anos de resistência, em que vitórias temporárias foram sucedidas invariavelmente por novas derrotas, Alfredo foi forçado a se refugiar com um pequeno contingente de seguidores pessoais nos pântanos de Somerset. Mas nesse momento mais sombrio para a sorte dos Ingleses, a coragem e a persistência de Alfredo triunfaram. Com o recrutamento de homens de Somerset, Wiltshire e Hampshire, ele repentinamente atacou o exército danês sob o comando de Guthrum, rei dos Vikings Daneses, em Ethandun (atualmente Edington, em Wiltshire). O resultado foi uma vitória esmagadora para os Ingleses e a consequente rendição dos Daneses (876).



Figura 4: Mapa de Danelaw em 886 AD.

Fonte: <http://web.cn.edu/kwheeler/Danelaw.html>

O tratado de Wedmore (próximo de Glastonbury), assinado por Alfredo e Guthrum no mesmo ano, marca a culminância do segundo estágio das invasões dos Daneses. Wessex foi poupado. Os Daneses se retiraram do território de Alfredo. Mas não foram compelidos a deixar a Inglaterra. O Tratado de Wedmore dividiu a Inglaterra, ficando o domínio do Norte e do Leste para os Daneses, e o do Sul e Oeste para Alfredo. O tratado meramente definia a linha fronteira, que se estendia aproximadamente de Chester a Londres, e os estrangeiros a partir de então somente poderiam permanecer na região este dessa linha. Esse território deveria estar sujeito à lei danesa, passando a ser conhecida como Danelaw¹⁰. Além disso, os Daneses concordaram em aceitar o Cristianismo e Guthrum foi batizado com o nome de Æthelstan. Essa última providência foi muito importante, pois deveria assegurar a observância do tratado e, acima de tudo, ajudar a preparar o caminho para a fusão definitiva dos dois grupos.



Figura 5: Moeda de Guthurm (Athelstan II), rei Viking da Ânglia Oriental, 880.
Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Guthrum>

O terceiro estágio das incursões escandinavas cobre o período de ajustamento e assimilação política de 878 a 1042. O Tratado de Wedmore não pôs fim aos problemas de Alfredo. Guthrum estava propenso a faltar com a palavra e houve novas invasões de fora. Mas a situação começou a clarear. Sob o comando do filho de Alfredo, Eduardo o Velho (900-925) e do neto Athelstan (925-939), os Ingleses iniciaram uma série de contra-ataques que colocaram os Daneses na defensiva. Uma das vitórias brilhantes dos Ingleses desse período foi o triunfo de Athelstan em 937 na batalha de Brunanburgh sobre uma força combinada de Daneses e Escoceses. Os Anglo-Saxões tomaram o norte, mas essa região jamais foi totalmente “saxonizada”. Até meados daquele século uma grande parte da Inglaterra oriental, embora ainda fortemente de linhagem e costumes daneses, ficou uma vez mais sob o domínio inglês.

Pouco antes do final do século, entretanto, quando a Inglaterra parecia finalmente prestes a solucionar seu problema com os Daneses, iniciou-se uma nova e tremenda sucessão de invasões. Em 991 uma potente esquadra viking, cujo comando é frequentemente atribuído a Olaf Tryggvason, atacou e despojou várias cidades ao longo da costa sudeste da Inglaterra. Em seguida, navegou pelo rio Blackwater, no condado de Essex, até a vizinhança de Maldon, onde enfrentou Byrhtnorth, o valente conde dos Saxões do Este. A batalha terminou com a derrota dos Anglo-Saxões.

A presença viking permaneceu durante o reinado de Canuto (1016-1035), após o qual uma série de discussões sobre herança enfraqueceu o reino da família. Essa presença decresceu até 1066, quando os nórdicos perderam a última batalha¹¹ contra os ingleses, terminando, assim, a Era Viking.

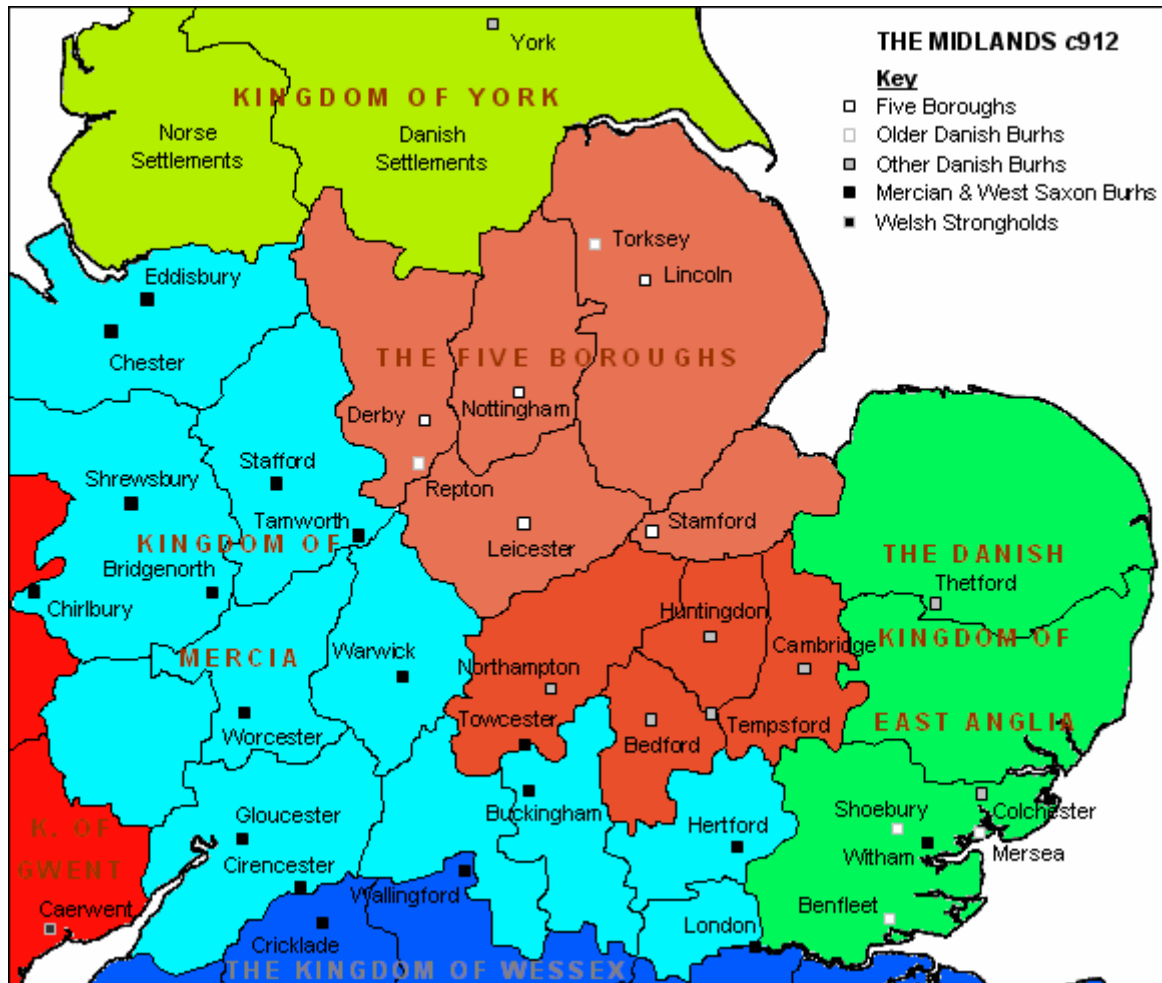


Figura 6: Os cinco Burgos (Leicester, Nottingham, Derby, Stamford e Lincoln) e os Midlands (“Condados Centrais da Inglaterra no início do século X”
Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Five_Boroughs_of_the_Danelaw

2. O domínio geográfico dos Vikings nas Ilhas Britânicas

Conforme Haywood (1995), os Vikings se estabeleceram nas seguintes áreas:

- Ilhas afastadas da costa da Escócia: Shetland, Orkney e as Hébridas
- Em torno da costa norte e noroeste da Escócia
- Partes da Irlanda
- A Ilha de Man
- Pequenas partes do País de Gales
- Partes da atual Inglaterra conhecida como Danelaw (ver Figura 4)

Os ataques vikings aos mosteiros foram seguidos por ocupações permanentes nas ilhas escocesas e ao longo da costa. O mais antigo registro de atividade viking na Escócia é a de um ataque ao mosteiro de Colmcille em Iona, em 795 e logo depois à Abadia de São Columbano¹², fundada em 563. Durante os 50 anos que se seguiram, os ataques infatigáveis continuaram nas costas ocidentais. Antes de meados do século IX, entretanto, a ênfase havia mudado de ataques para ocupação. Pouco se sabe sobre o processo de ocupação, mas os primeiros assentamentos provavelmente começaram a partir dos ataques no início daquele século. Antes de 900, os povoadores – a maioria composta de noruegueses – estavam bem estabelecidos nas ilhas e ao longo da costa desde Galloway (região do sudoeste) até a ilha

de Moray Firth (no Mar do Norte). Em Orkney e Shetland os nativos Celtas foram completamente absorvidos pelos recém-chagados, mas nas Hébridas e ao sudeste foram logo unidos em casamento com os Nórdicos, resultando num povo híbrido conhecido pelos irlandeses como Gall-Gaedhil (“Gaélico estrangeiro”), donde provém o topônimo Galloway. Um dos resultados da influência céltica foi a adoção do Cristianismo por muitos colonizadores antes de 900. Um pouco do que se sabe sobre os Vikings na Escócia encontra-se na *Grettis Saga*.



Figura 7: Assentamentos típicos vikings concentravam-se em torno de uma habitação comunal, edifício semelhante a um galpão em que residia a família. Outros edifícios incluíam armazéns, onde se guardavam grãos e suprimentos alimentares e oficinas, onde se fabricavam armas e ferramentas. Por serem os Vikings peritos navegadores, a maior parte de seus assentamentos ficava próxima do mar ou de rios navegáveis e eles usavam seus barcos para pesca, comércio e ataque a outros assentamentos e aldeias.

Fonte: http://encarta.msn.com/media_461540515/viking_settlement.html

Como já mencionamos acima, a área finalmente tomada pelos Vikings ficou conhecida como **Danelaw**. Essa área formava uma fronteira que separava a Inglaterra anglo-saxônica da Inglaterra viking e foi definida num tratado firmado entre o rei inglês Alfredo o rei dos Vikings Guthrum em 880 d.C.; ficava ao norte da *Waltling Street*, uma estrada romana que ligava o noroeste de Londres a Chester e cobria o norte e o este da Inglaterra. Incluía os condados ao norte de uma linha imaginária de Londres a Bedford e daí a Chester.

3. Categorias de topônimos

Do ponto de vista funcional, independentemente da origem, há três categorias de topônimos: nomes de povos ou tribos, nomes de lugares habitados ou habitáveis e nomes topográficos. Na primeira categoria estão os topônimos originários a partir de nomes de um povo ou tribo de uma determinada região. *Essex* (do inglês antigo *Ēastseaxe*), por exemplo, significa “saxões do este” (Mills 1991: 124); do mesmo modo, *Norfolk*¹³ (do inglês antigo *North Folk*) significa “povos do norte” (Mills 1991: 242; Cameron 1977: 53). Na segunda

categoria (a mais extensa) estão os topônimos cujas origens são nomes de lugares habitados ou habitáveis, como propriedades rurais, fazendas, aldeias, povoados, fortalezas, cabanas, ou qualquer outro tipo de edificação ou instalação. Nos topônimos desse grupo, o segundo elemento descreve o tipo de habitação, e entre outros os elementos do anglo-saxão *hām* “propriedade rural”, *tūn* “fazenda”, *worth* “cercado”, *wīc* “habitação”, *cot* “cabana”, *burgh* “fortaleza” e os elementos do antigo escandinavo *bý* “fazenda” e *thorp* “fazenda distante” são particularmente comuns como nos seguintes nomes: *Streamtham*, *Middleton*, *Lulworth*, *Ipswich*, *Didcot*, *Aylesbury*, *Grimsby* e *Woodthorpe* (Mills 1991: xxi).

Os nomes topográficos também formam uma categoria bastante extensa e diversificada. Consistiam originalmente na descrição de alguma característica topográfica ou física, natural ou feita pelo homem, sendo mais tarde transferida para identificar um povoado próximo. Daí nomes de rios e córregos, nascentes e lagos, caminhos e estradas, pântanos e charnecas, colinas e vales, florestas e clareiras etc. se tornarem nomes de lugares habitados. São exemplos típicos dessa categoria: *Sherborne*, *Fulbrook*, *Bakewell*, *Tranmere*, *Oxford*, *Otmore*, *Stodmarsh*, *Swindon*, *Goodwood*, *Bromsgrove*, *Bexley* e *Hatfield*. Em todos esses topônimos, o segundo elemento originalmente denotava uma característica topográfica (Mills 1991: xxii).

De acordo com Mills (1991: xxiii), do ponto de vista morfológico, a maioria dos topônimos ingleses são compostos de dois elementos: o primeiro qualifica o segundo e pode ser um substantivo (nome de pessoa, de rio ou de tribo) ou um adjetivo. Alguns consistem em apenas um elemento, como *Combe* (“o vale”), *Hale* (“recanto de terra”), *Lea* (“prado”), *Stoke* (“aldeola”), *Stowe* (“lugar de ajuntamento”), *Thorpe* (“assentamento secundário”), *Worth* (“assentamento fechado”) e *Wyke* (“a habitação”). Mais raros, porém, são os compostos de três elementos, como *Woodmansterne* (“espigueiro junto à divisa da floresta”, do anglo-saxônico *wudu* + *mære* + *thorn*).

Entre as evidências mais notáveis da fixação extensiva escandinava na Grã-Bretanha e na Irlanda está o grande número de lugares formados a partir de elementos escandinavos. Se tivéssemos que confiar somente em evidências arqueológicas, tais como sepulturas, lápides funerárias, gravuras ou assentamentos, o quadro seria bem menos completo. Isso se aplica especificamente no caso da Inglaterra, onde os assentamentos escandinavos são difíceis de serem identificados. Embora muitos topônimos escandinavos sejam de datas posteriores à Era Viking, sua distribuição geográfica fornece uma ampla indicação da densidade de assentamento escandinavo. Em Orkney, Shetland e Caithness, quase todos os topônimos são de característica escandinava. Os topônimos escandinavos são também comuns na Ilha de Man, Cúmbria, Yorkshire e East Midlands (Midlands Oriental); em East Anglia (Ânglia Oriental), nas Hébridais e em Galloway; e, em menor escala, ao longo da costa dos noroeste da Escócia, Lancashire, Cheshire e parte sul do País de Gales. Há, entretanto, poucos topônimos escandinavos ao sul da Inglaterra abaixo da fronteira de Danelaw do século IX, e são ainda praticamente inexistentes ao norte da mesma.

Apesar do longo envolvimento dos Vikings na Irlanda, o número de topônimos escandinavos lá existentes é pouco expressivo, refletindo a carência de evidência literária e arqueológica para assentamento escandinavo fora de suas bases costeiras (Haywood 1995: 78). De um modo geral, como veremos mais adiante, os elementos formadores de topônimos de origem escandinava são mais comuns no este da Inglaterra.

Uma das diferenças mais notáveis entre Danelaw, ou seja, a parte da Grã-Bretanha que corresponde aos atuais norte e leste da Inglaterra, e o resto da Inglaterra, é que nessa região encontram-se centenas de topônimos de origem escandinava.

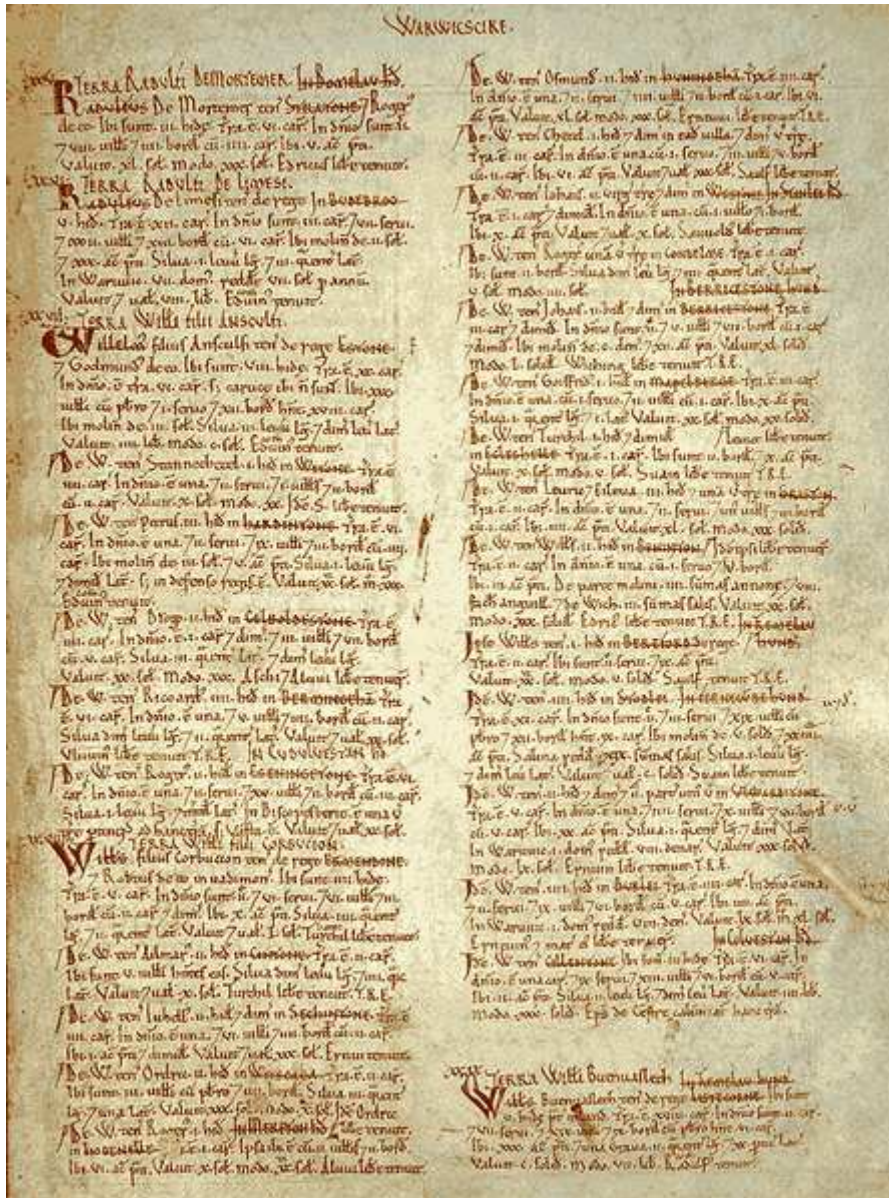


Figura 8: Página do *Domesday Book* sobre o Condado de Warwickshire.
Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Domesday_Book

A maioria dos topônimos é formada de dois elementos (excepcionalmente de três ou mais). Naqueles de dois elementos, o primeiro é um substantivo e o segundo um sufixo. Em Danelaw, o primeiro elemento geralmente é um nome de pessoa que que se apossou daquele lugar. O sufixo geralmente funciona como um elemento descritivo do lugar – se era uma aldeia ou vilarejo, uma ilha, uma propriedade remota ou solitária etc. Podemos determinar que certos sufixos são de origem escandinava; contudo, a grafia pode variar conforme a influência direta seja dinamarquesa, norueguesa ou sueca, já que esses sufixos bem como seus significados são encontrados por todo o mundo viking.

O *Domesday Book*, compilado por ordem de Guilherme I, o Conquistador, em 1086, registra a mais antiga grafia da maioria dos nomes de aldeias e paróquias inglesas. Essas grafias devem, entretanto, ser consideradas com certa cautela, pois os escribas franceses naturalmente ao transcreverem as diversas pronúncias do inglês antigo utilizavam seu sistema

ortográfico próprio. Além disso, a não familiaridade com muitos nomes conduzia inevitavelmente a erros.

Além dos topônimos total ou parcialmente de origem escandinava, existem numerosos nomes ingleses, cujas formas têm sido modificadas de diversas maneiras como resultado da influência escandinava. Quando o *c* no inglês antigo ocorria inicialmente antes de *e* ou *i*, como em *cēse* (queijo) ou *cild* (criança), era pronunciado como nas formas modernas desses termos: *cheese* [tʃi:z] e *child* [tʃaɪld], ou seja, consoante fricativa palato-alveolar surda. Nas línguas escandinavas, entretanto, o som nessa posição é *k*. Daí, a consoante inicial em Keswick (Cúmbria), *Kesewic* c. 1240: “granja ou fazenda do queijo” (do inglês antigo *cēse* + *wīc*) e Kildwick (West Yorkshire), *Childeuic* 1086: “granja ou fazenda do jovem” (do inglês antigo *cild* + *wīc*) é devido à influência do som escandinavo, pois esses nomes eram originalmente idênticos a Chiswick (subúrbio de Londres), *Ceswican* 1000 e Childwick (Hertfordshire), respectivamente. Do mesmo modo, Kepwick (North Yorkshire), *Chipuic* 1086: “aldeola com um mercado” (do inglês antigo *cēap* + *wīc*), diferentemente, deveria ter dado Cheapwick ou Chipwick, e Kettlewell (North Yorkshire), *Cheteleuuelle* 1086: “nascente ou arroio num vale profundo” (do inglês antigo *cetel* + *welle*), está no lugar de Chettlewell. Similarmente, o dígrafo do inglês antigo *sc*, como em *scelf*, moderno *shelf* (prateleira), ou *æsc*, moderno *ash-tree* (freixo). Esse som era também desconhecido nas línguas escandinavas onde seu lugar foi tomado por *sk*; donde: Skelton (Cúmbria), *Sheltone* c. 1160: “granja numa saliência de rochedo” (do inglês antigo *scelf* + *tūn*), que pode ser comparado com Shelton (Norfolk), *Sceltuna* 1086; Skipton (North Yorkshire), *Schippetune* 1086: “fazenda de carneiros” (do inglês antigo *scip* + *tūn*) com Shipton (Shropshire), *Scipetne* 1086; e Skipwith (North Yorkshire), *Schipewic* 1086 e Scopwick (Lincolnshire), *Scapeuic* 1086 com Shopwyke, Sussex: “fazenda de carneiros” (do inglês antigo *scīp* + *wīc*); bem como os nomes de rios Skerne (Humbershire), *Schirne* 1086: “corrente pura” (do norueguês antigo *skírn*) e Skidbrook (Lincolnshire), *Schitebroc* 1086: “riacho sujo” (do inglês antigo *scite* + *brōc*). Medialmente, a mesma substituição ocorreu em Minskip (North Yorkshire), *Minescip* 1086, do inglês antigo (*ge*)*mænscipe* “comunidade”, isto é, “uma propriedade comunitária”, e finalmente, em Matlask (Norfolk), *Matelasc* 1086, onde, entretanto, o inglês antigo *æsc* pode ter sido substituído pelo nórdico antigo *askri*, como foi provavelmente o caso em Askham (Nottinghamshire), *Ascam* 1086: “propriedade rural onde crescem os freixos”. De modo semelhante, o norueguês antigo *steinn* (pedra) substituiu o inglês antigo *stān* em vários nomes, tais como Stainburn (North Yorkshire), *Stanburne* 1086: “corrente pedregosa”, Stainforth (North Yorkshire), *Stainforde* 1086, Stainland (West Yorkshire), *Stanland* 1086: “terra pedregosa”, Stanley (North Yorkshire), *Stanlai* 1086: “clareira pedregosa no bosque”, Stainmore (Cúmbria), *Stanmoir* c. 990: “charneca rochosa” e Stainton (South Yorkshire), *Staintone* 1086: “propriedade rural sobre solo rochoso”, em vez de Stanburn, Stanforth, Stanland, Stanley, Stanmore e Stanton, respectivamente. O nórdico antigo *rauðr* (vermelho) tomou o lugar do elemento inglês em Rawcliffe (North Yorkshire), *Roudecliffe* 1086: “penhasco vermelho”, que de outro modo teria dado Radcliffe; e é bem possível que o norueguês antigo *austr* (este) tenha substituído o inglês antigo *ēast* em Owston (South Yorkshire), *Aust(h)un* 1086: “propriedade rural do este”, Austwick (North Yorkshire), *Ousteuuic* 1086: “vacaria do este” e Owstwick (Humberside), *Osteuuic* 1086, que etimologicamente são idênticas a Aston e Astwick (Cameron 1977: 82-83; Mills 1991: passim).

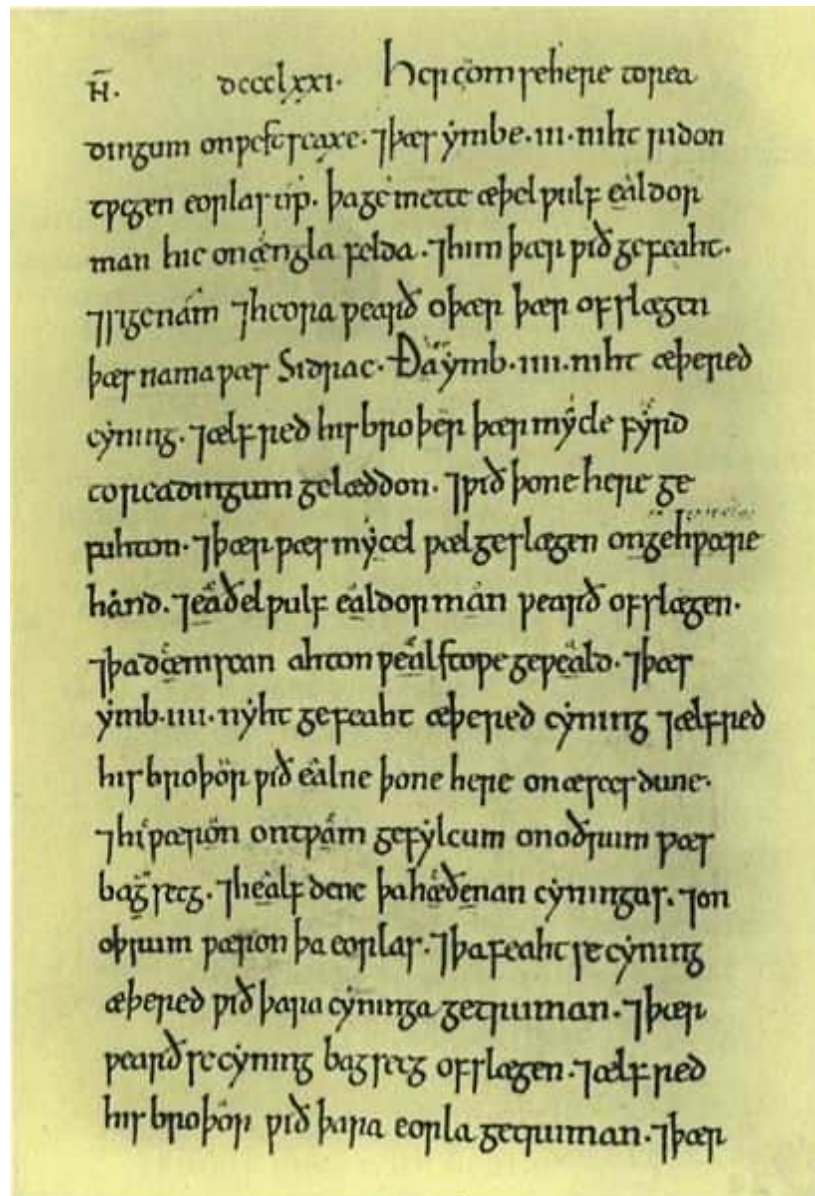


Figura 9: Uma página da *Anglo-Saxon Chronicle* de 871, ano em que se deram as batalhas entre Wessex e os Vikings. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Anglo-Saxon_Chronicle

Por fim, um grupo de nomes que pertence ao período posterior à conquista normanda (1066) contém o elemento do inglês médio *bigging* (“edificação, casa”), termo derivado do verbo *big*, por sua vez derivado do norueguês antigo *byggja* (“construir”). Esse elemento é comum em East Midlands, mas tem sido notado até Surrey (ao sul). Frequentemente sobrevive como Biggin e no composto autoexplicativo Newbiggin (Cúmbria). De fato, diversos nomes que sobrevivem atualmente na forma simples são primeiramente registrados como *Newbigging*.

Apresentamos a seguir uma breve relação dos principais elementos que entram na formação dos topônimos de origem escandinava nas Ilhas Britânicas. O ano de 1086, que aparece ao lado de algumas grafias, se refere ao da publicação do *Domesday Book*, conforme citado por Mills (1991).

1.1 –By¹⁴

O elemento escandinavo mais frequentemente encontrado em Danelaw é *-by*. Um grande número desses nomes encontra-se em Yorkshire (especialmente no este), nas margens do rio Mersey e nas costas de Lancashire, e região central de Midlands. Mas talvez a maior concentração esteja em Lincolnshire. Esse elemento originalmente significava “granja ou quinta” (do nórdico antigo *-bý*), mas muitos se transformaram em aldeias, vilas ou mesmo cidades. Uma grande proporção possui um nome de pessoa escandinava como primeiro elemento, ao passo que outros são nomeados a partir de nomes geográficos ou topográficos da região. Eis uma pequena lista de topônimos formados a partir desse elemento:

DALDERBY – Lincolnshire. *Dalderbi*, por volta de 1156: possivelmente “granja ou aldeia em um pequeno vale”. Do nórdico antigo *dædr* (genitivo *-ar*) + *bý*. Alternativamente “granja num vale onde se criam cervos”, do nórdico antigo *dalr* + *djúr* + *bý*.

DERBY – Derbyshire. *Deoraby*, século X; *Derby*, 1086: “granja ou aldeia onde se criam cervos”. Do nórdico antigo *djúr* + *bý*.

GRIMSBY – Lincolnshire. *Grimesbi*, 1086: “granja ou aldeia pertencente a Grímr”. Antigo nome de pessoa escandinavo + *bý*.

MOORBY – Lincolnshire. *Morebi*, 1086: “granja ou aldeia na charneca ou brejo”. Do nórdico antigo *mor* + *bý*.

RUGBY – Warwickshire. *Rocheberie*, 1086; *Rokeby*, 1200: “lugar fortificado de um homem chamado *Hrōca. Antigo nome anglo-saxônico de pessoa + *burgh* (dativo *byrig*) substituído pelo nórdico antigo *bý* “aldeia”. Etimologia alternativa “fortaleza freqüentada por gralhas”, tendo o anglo-saxônico *hrōc* como primeiro elemento (Mills 1991: 278).

SELBY – North Yorkshire. *Seleby*, por volta de. 1030. *Salebi*, 1086: “granja ou aldeia próxima a um bosque de salgueiro”. Do anglo-saxônico **sele* ou nórdico antigo *selja* + *by*.

THORLBY – North Yorkshire. *Toreilderbi*, 1086: “granja ou aldeia pertencente a um homem chamado Thóraldr, ou a uma mulher chamada Thórhildir”. Antigo nome de pessoa escandinavo + *bý*.

THORESBY – Northamptonshire. *Thuresbi*, 958: “granja ou aldeia de Thūrir”. Antigo nome escandinavo de pessoa + *bý*.

THORNBY – Northamptonshire. *Torneberie*, 1086; *Thirnebi*, c. 1160: “granja ou aldeia onde crescem espinheiros”. Do nórdico *thyrnir* + *bý* (substituindo o anglo-saxônico *burh* “fortaleza”).

WHITBY – North Yorkshire. *Witeby*, 1086: “granja ou aldeia branca, ou que pertence a Hvíti”. Do nórdico antigo *hvítr* ou nome de pessoa + *bý*.

1.2 –Thorpe

Outro elemento escandinavo bastante frequente em Danelaw é *-thorpe* (ou suas variantes *thorp*, *-throp* ou *-trop*). Originalmente significava “assentamento secundário”, isto é,

uma pequena aldeia adicional desmembrada de uma aldeia que já apresentava sinais de superpopulação. O primeiro elemento de muitos topônimos derivados dessa palavra é um nome de pessoa, ao passo que muitos outros são autoexplicativos. É interessante observar que a maioria dos topônimos formados com esse elemento em Danelaw são ainda assentamentos minúsculos. Existem em torno de 155 topônimos dessa categoria em Yorkshire. Eis alguns exemplos:

AISTHORPE – Lincolnshire. *Esatorp*, 1086: “granja ou aldeola afastada do este”. Do anglo-saxônico *ēast* “este” + nórdico antigo *thorp*.

ASHWELLTHORPE – Norfolk. *Aescewelle, Thorp*, c. 1066: “aldeola pertencente a um lugar chamado *Ashwell* (‘broto de freixo ou torrente’)”. Do anglo-saxônico *æsh* + *wella* + nórdico antigo *thorp*.

BISHOPSTHORPE - North Yorkshire. *Torp*, 1086; *Biscopthorp*, 1275: “granja ou aldeola controlada por um bispo”. Do anglo-saxônico *biscop* “bispo” + nórdico antigo *thorp*.

COPMANTHORPE – North Yorkshire. CEPEMAN *Torp*, 1086: “granja ou aldeola pertencente aos mercadores”. Do nórdico antigo *kaup-mathr* “mercador” + *thorp*.

EATHORPE – Warwickshire. *Ethorpe*, 1232: “granja ou aldeola sobre o rio”. Do anglo-saxônico *ēa* “rio” + nórdico antigo *thorp*.

KETTLETHORPE – Lincolnshire. *Ketelstorp*, 1220: “granja ou aldeola pertencente a Ketill”. Antigo nome de pessoa escandinavo + nórdico antigo *thorp*.

KINGTHORPE – Northamptonshire. *Thorp*, por volta de 1066; *Kingestorp*, 1190: “granja ou aldeola pertencente ao rei”. Do anglo-saxônico *cyning* “rei” + nórdico antigo *thorpe*.

LONDONTHORPE – Lincolnshire. *Lundertorp*, 1086: “granja ou aldeola próxima a um arvoredo”. Do antigo escandinavo *lundr* “arvoredo” (genitivo *lundar*) + nórdico antigo *thorpe*.

MILNTHORPE – Cúmbria. *Milntorp*, 1272: “granja ou aldeola com um moinho”. Do anglo-saxônico *myln* “moinho” + nórdico antigo *thorpe*.

NEWTHORPE – North Yorkshire. *Niwan-thorp*, c. 1030: “nova fazenda ou granja adjacente”. Do anglo-saxônico *nīwe* “novo” + nórdico antigo *thorpe*.

SCUNTHORPE – Humberside. *Sculatorpa*, 1086: “granja ou aldeola pertencente a Scúma. Antigo nome de pessoa escandinavo + *thorp*.

WOODTHORPE – Derbyshire. *Wodethorpe*, 1258: “granja ou aldeola numa região de floresta”. Do anglo-saxônico *wudu* “floresta” + nórdico antigo *thorpe*.

4.3 –Toft

O elemento escandinavo *-toft* ou *-tofts* é encontrado em vários topônimos em Danelaw. Originalmente significava “terreno de uma casa ou quinta”, embora pelo menos um (Lowestoft) tenha atingido as dimensões de uma cidade; é um elemento formador de

topônimos geralmente associado a assentamentos que ainda são de pequenas dimensões. É mais freqüente em East Midlands e Yorkshire, porém extremamente raro no noroeste. Nesses topônimos, o primeiro elemento é um nome de pessoa e em raras ocorrências, um adjetivo. Eis uma pequena lista de topônimos formados a partir desse elemento:

ALTOFTS – West Yorkshire. *Altoftes*, por volta de 1090: “terreno ou área das velhas quintas”. Do anglo-saxônico *ald* “velho” + nórdico antigo *toft*.

BRAOFT – Lincolnshire. *Breietoft*, 1086: “terreno amplo”. Do nórdico antigo *breithr* “amplo, espaçoso” + *toft*.

HARDSTOFT – Derbyshire. *Hertestaf*, (*sic*) 1086; *Hertistoft*, 1257: “terreno ou quinta pertencente a *Heort ou Hjort”. Antigo nome de pessoa escandinavo + nórdico antigo *toft*.

HUTTOFT – Lincolnshire. *Hotoft*, 1086: “quinta sobre um pico de terá”. Do anglo-saxônico *hōh* “pico” + *toft*.

LOWESTOFT – Suffolk. *Lothu Wistoft*, 1086: “terreno ou quinta pertencente a Hlothvér”. Antigo nome de pessoa escandinavo + nórdico antigo *toft*.

SCRAPTOFT – Leicestershire. *Scraptoft*, 1043; *Scrapentot*, (*sic*) 1086: “terreno ou quinta pertencente a Skrápi”. Antigo nome de pessoa escandinavo + *toft*.

SIBERTOFT – Northamptonshire. *Sibertod*, (*sic*); *Sibertoft*, 1198: “terreno ou quinta pertencente a Sigebeorht ou Sigbjorn”. Antigo nome de pessoa escandinavo + *toft*.

THRINTOFT – North Yorkshire. *Tirnetofte*, 1086: “quinta do espinheiro”. Do antigo escandinavo *thyrnir* “árvore espinhosa” + *toft*. Outra interpretação sugere o primeiro elemento como sendo um nome masculino de pessoa Thyrnir.

WIGTOFT – Lincolnshire. *Wiketoft*, 1187: provavelmente “quinta próxima a um riacho”. Do nórdico antigo *vík* “angra, ilhota” + *toft*.

WILLITOFT – Humberside. *Wilgetot*, 1086: “quinta do salgueiro”. Do anglo-saxônico **wilig* “salgueiro” + nórdico antigo *toft*.

4.4 –*Holme/Hulme*¹⁵

Alguns nomes contendo o antigo elemento escandinavo *holmr*, *holmi* “ilha ou área pantanosa” sobrevivem, ora como elemento isolado, ora como segundo elemento onde o primeiro se refere a nomes próprios de pessoas. Eis alguns exemplos:

DURHAM – Durham. *Dunholm*, por volta de 1000: “ilha com uma colina”. Do anglo-saxônico *dūn* “colina, morro” + nórdico antigo *holmr*.

HOLME – Cambridgeshire. *Hulmo*, 1167.

HULME – Greater Manchester. *Hulm*, 1246.

KETTLESHULME – Cheshire. *Ketelidholm*, 1285: “ilha ou área pantanosa pertencente a Ketil”. Antigo nome de pessoa escandinavo + *holmr*.

LEVENSHULME – Greater Manchester. *Lewyneshulm*, 1244: “ilha ou área pantanosa pertencente a Lēofwine. Antigo nome escandinavo de pessoa + *holmr*.

4.5 -*Kirk/Kir*¹⁶

O termo inglês *church* “igreja” foi substituído pelo equivalente escandinavo *kirk* na Escócia e em Danelaw e é encontrado principalmente como primeiro elemento na formação de dezenas de topônimos. Em alguns casos, o segundo “k” foi suprimido da grafia ao longo dos séculos. Alguns exemplos incluem:

KIRKBUMPTON – Cúmbria. *Banton*, por volta de 1185; *Kyrkebampton*, 1292: “casa de fazenda feita de vigas ou junto a uma árvore”. Do anglo-saxônico *beām* + *tūn*. O afixo posterior é o nórdico antigo *kirkja* “igreja”.

KIRKBRIDE – Cúmbria. *Chirchbrid*, 1163: “Igreja de Santa Bride ou Brigid”. Do nórdico antigo *kirkja* “igreja” + Brigid (Santa Brígida, padroeira da Irlanda juntamente com São Patrício e São Columbus).

KIRKBURN – Humberside. *Westburne*, 1086; *Kirkeburn*, 1272: “lugar sobre a nascente ou ribeirão”. Do anglo-saxônico *burna* + o nórdico antigo *kirkya* “igreja”.

KIRKBURTON – West Yorkshire. *Bertone*, 1086: “casa de fazenda próxima ou pertencente a uma fortificação”. Do anglo-saxônico *byrth-tūn* + o nórdico antigo *kirkja* “igreja”, a partir do século XVI.

KIRKBY – Merseyside. *Churchbi*, 1086: “aldeia com uma igreja”. Do nórdico antigo *kirkju-bý*.

KIRKHAM – Lancashire. *Chichenhan (sic)*, 1086; *Kyrkham*, 1094: “casa de fazenda ou aldeia com uma igreja”. Do anglo-saxônico *cirice* (substituído pelo nórdico antigo *kirkja*) + o anglo-saxônico *hām* “aldeola”.

KIRKHEATON – Northumbria. *Heaton*, 1242: “casa de fazenda alta”. Do anglo-saxônico *hēah* + *tūn* com o acréscimo posterior do nórdico antigo *kirkja* “igreja”.

KIRKLINTON – Cúmbria. *Leuenton*, por volta de 1170; *Kirkekeuinton*, 1278: “casa de fazenda junto ao rio Lyne”. Do nome de um rio celta + o anglo-saxônico *tūn* com o acréscimo posterior do nórdico antigo *kirkja* “igreja”.

KIRKOSWALD – Cúmbria. *Karcoswald*, 1167: “Igreja de Oswald”; devido à dedicação da igreja (*kirkja*) a esse santo (604 – 642). Rei da Northumbria desde 634 até à sua morte, e posteriormente foi venerado como um santo cristão.

KIRTON – Lincolnshire. *Chirchetune*, 1086: “aldeia com uma igreja”. Do nórdico antigo *kirkja* (provavelmente substituindo o anglo-saxônico *cirice*) + o anglo-saxônico *tūn*.

4.6 Outros elementos menos frequentes

Além dos elementos formadores de topônimos estudados acima, podemos listar os seguintes:

Elemento escandinavo	Significado	Exemplos em países escandinavos	Exemplos em inglês
<i>bekkr</i>	arroyo, vale	Kalbaek (Dinamarca)	Caldbeck (Cúmbria) “arroyo frio”
<i>brekka</i>	ladeira, colina	Laugarbrekka (Islândia)	Breck (Lancashire)
<i>búð</i>	abrigo	Búðir (Islândia)	Boothby (Cúmbria, Lincolnshire) “aldeia com abrigos”
<i>dalr</i>	vale	Ravndal (Noruega)	Dalby (North Yorkshire) “aldeia situada num vale”
<i>lundr</i>	arvoredo, bosque	Lund (Suécia)	Lund (North Yorkkshire)
<i>nes/ness</i>	cabo, promontório	Akranes (Islândia)	Kettleness (North Yorkshire) “promontório de um homem chamado Ketil” Loch Ness, conhecido pelo lendário monstro de Loch Ness.
<i>þvait</i>	campina, prado	Bregentved (Dinamarca)	Southwaite (Cúmbria) “campina do sul”
<i>vik</i>	angra, enseada	Kvívik (Ilhas Faroé)	<i>vik</i> como elemento formador de topônimos é de difícil identificação na Inglaterra, pois tende a ser obscurecido pelas ocorrências do anglo-saxônico <i>wic</i> “porto comercial ou aldeola”, como em Sandwich (literalmente “lugar arenoso”); já Runswick (North Yorkshire) pode ser um exemplo escandinavo significando “angra ou enseada de um homem chamado Reinn”. Entretanto, exemplos bem definidos do elemento escandinavo, de fato, ocorrem na Escócia, como Wick. (Veja-se nota 4)

A Era Viking da Irlanda começou com um ataque de surpresa a uma igreja na ilha de Lambey, nas proximidades de Dublin, em 795. Essa primeira fase, que durou até por volta de 830, envolveu pequenas esquadras em ataques descoordenados sobre alvos – principalmente mosteiros – num raio de 20 milhas da costa. A partir de 830, os ataques se tornaram mais frequentes, e as esquadras maiores. As áreas do interior se tornaram vulneráveis à medida que as esquadras vikings começaram a subir os rios navegáveis como o Shannon, saqueando o mosteiro de Clonmacnoise em 836, e depois lagos de Erne e Neagh. O longo intervalo entre os ataques vikings que a Irlanda desfrutou entre 874 e 914 ficou conhecido como os “quarenta anos de descanso” (alusão ao Livro de Êxodo 12.37), e muitos vikings haviam se retirado para a Inglaterra ou para a antiga Francia (então império dos Francos) onde os ataques estavam atingindo seu auge; os que permaneceram sofreram uma série de derrotas culminando na sua

expulsão de Dublin em 902. Conforme a tradição narrada na *Njals` s Saga*, a Era Viking da Irlanda terminou na batalha de Clontart em 1014, quando Brian Boru, rei de Munster, derrotou uma aliança entre os Vikings de Leinster e de Dublin, embora ele próprio tenha sido morto em combate.

Na Irlanda, os Vikings construíram pequenos acampamentos costeiros denominados *longphorts* (uma espécie de recinto fortificado para navios) e que serviam também como abrigo durante o inverno. Com o passar do tempo, alguns *longphorts* se transformaram em assentamentos nórdicos e portos comerciais. Os maiores eram Dublin (que se tornou um reino nórdico-gaélico), Wexford, Waterford, Cork and Limerick. Mais tarde, os nórdicos adotaram a língua e os costumes gaélicos, ficando conhecidos como os Nórdico-Gaélicos (ou *Gall-Gaidhel* em irlandês).

Os principais topônimos irlandeses derivados do nórdico antigo incluem:

Topônimo	Nórdico antigo (aproximação)	Irlandês (moderno)	Explicações
<i>Arklow</i>	<i>Arkells-lág</i>	<i>An tInbhear Mór</i> (“o grande estuário”)	Atualmente anglicizado como <i>Invermore</i> .
<i>Carlingford</i>	<i>Kerling-fjordr</i>	<i>Cairlinn</i>	Fusão de <i>cairlinn</i> (abreviação de <i>Cathair Linn</i> , literalmente "Cidade da Piscina", irlandês) + <i>fjordr</i> (norueguês).
<i>Dalkey</i>	<i>Dalk-øy</i>	<i>Deilginis</i> (“ilha do espinheiro”)	Fusão de <i>deilg</i> (irlandês) + <i>øy</i> (norueguês)
<i>Fastnet</i>	<i>Hvasstann-ait</i> (“ilhota do dente afiado”)	<i>Carraig Aonair</i> (“rocha solitária”)	—
<i>Howth</i>	<i>Hovuð</i> (“cabeça”)	<i>Binn Éadair</i>	—
<i>Lambay</i>	<i>Lamb-øy</i> (“ilha do cordeiro”)	<i>Reachrainn</i>	—
<i>Leixlip</i>	<i>Lax Hlaup</i>	<i>Léim an Bhradáin</i>	Tradução literal do norueguês antigo (“pulo do salmão”)
<i>Saltee</i>	<i>Salt-øy</i>	<i>Na Sailtí</i>	Gaelicização do norueguês antigo (“ilha do sal”)
<i>Strangford</i>	<i>Strangr-fjordr</i> (“fjord forte”)	<i>Baile Loch Cuan</i>	—
<i>Skerries</i>	<i>Skeri</i>	<i>Na Sceirí</i>	Gaelicização do norueguês antigo (“grupo de pequenas ilhas costeiras”)
<i>Waterford</i>	<i>Veðra-fjordr</i> (“fjord tempestuoso”)	<i>Port Láirge</i>	Literalmente “fjord do tempo”; no inglês, predominou a etimologia popular “fjord da água”.
<i>Wexford</i>	<i>Veisa-fjordr</i>	<i>Loch Garman</i>	Anglicizado como <i>Loughgarman</i>
<i>Wicklów</i>	<i>Víkingr-lág</i> (“campina viking”)	<i>Cill Mhantáin</i>	Anglicizado como <i>Kilmantan</i>



Figura 10: Uma placa de sinalização em Strangford.
Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Strangford>

6. Considerações finais

Os topônimos tipicamente possuem acepções que eram significativas aos colonizadores de uma localidade (não necessariamente os primeiros). Às vezes, essas acepções são relativamente transparentes (cf. Newcastle “castelo novo”, do inglês antigo *nīwe* + *castel*); porém, mais frequentemente elucidá-las requer o estudo acurado das línguas antigas. Em geral, os topônimos na Grã-Bretanha contêm três elementos básicos: nomes de pessoa (ou nomes pré-existentes de aspectos naturais), aspectos naturais e funções de povoamento. Contudo, esses elementos derivam de línguas antigas que se falavam nas Ilhas Britânicas, e a combinação em um único nome pode não ter ocorrido na mesma época, nem tão pouco ter se originado da mesma língua. Muito do que se pode inferir sobre o desenvolvimento dos topônimos britânicos se baseia na decomposição de seus elementos formadores, que na maioria dos casos sofreram corruptela popular. À medida que os nomes perdem seu significado original (porque uma língua nova ou modificada passa a ser falada), esses nomes umas vezes se modificam, outras vezes tomam novas formas, ou ainda se juntam a outros. Exemplo curioso é Torpenhow Hill, em Cúmbria; o nome parece ter se desenvolvido pelo acréscimo de novos elementos pelo povo que não compreendia o nome original. A primeira sílaba “tor” é do inglês antigo *torr*, a segunda, “pen” é céltica **peen*, enquanto “how” é derivada do antigo nórdico *haugr* e “hill” é do inglês antigo *hyll*, todos os elementos significando “colina, morro”.

Uma diferença bem perceptível entre a área onde os escandinavos ocuparam e o restante da Inglaterra são as centenas de topônimos de origem escandinava em Danelaw. Como vimos, os topônimos frequentemente começam como descrições topográficas ou descrições dos fundadores dos lugares (Clark 1992: 471) seguidos dos elementos formadores de topônimos como *-by* (Grimsby), *-thorpe* (Althorpe), *-toft* (Lowestoft), todos significando essencialmente “povoamento ou habitação”. Desses três, Loyn (1994: 85) considera *-by* e *-thorp* como sendo os mais significativos elementos, dos quais *-by* é encontrado em grande parte em Yorkshire e nas áreas de Lancashire, Lincolnshire e Midlands central. O elemento *-by* é geralmente sufixado a topônimos formados a partir de nomes dinamarqueses de pessoa, e incluem principalmente assentamentos estabelecidos durante as gerações de migração após as bem-sucedidas conquistas dos anos 860 e 870. Baugh (1993:96) estima que existam mais de 600 topônimos com esse elemento, sendo a maioria nas áreas ocupadas pelos Daneses. O sufixo *-by* originalmente significava “granja ou quinta”, mas muitos se transformaram em aldeias, vilas ou mesmo cidades, mantendo o elemento *-by*, como Grimsby, Derby e Whitby no distrito de Scarborough (North Yorkshire).

É evidente que alguns topônimos são mais dinamarqueses do que noruegueses; por exemplo, *-thorp* não era frequentemente usado pelos noruegueses; por isso, sua ocorrência é

uma indicação de assentamento dinamarquês. Do mesmo modo que topônimos com *-by*, os topônimos com *-thorp* eram também geralmente compostos escandinavos, e geralmente usados em assentamentos secundários, uma aldeola ou granja, e na área de Yorkshire também mais especificamente associado com criação de carneiro. Yorkshire, Leicestershire e Lincolnshire em particular são condados onde há dezenas de topônimos formados com o elemento *-thorp*. Há também um grande número de topônimos denominados híbridos, onde um dos elementos é escandinavo e o outro anglo-saxônico, como Grimston (*-ton* < *tūn* é um termo anglo-saxônico que significa “aldeia ou povoado” e Grim < Grímir é um nome viking). A hipótese é de que algum viking tenha tomado a localidade então sob o domínio dos Anglo-Saxões e renomeando-a posteriormente com seu próprio nome. (Note-se que nomes femininos são raros em topônimos). Existem cerca de 50 topônimos contendo o elemento *-ton* em Yorkshire. Muitos representam aldeias que foram conquistadas e renomeadas pelos povoadores escandinavos (Loyn 1994: 86).

Entretanto, é importante lembrar que os Vikings não povoaram todas as regiões em Danelaw. Muito provavelmente os Anglo-Saxões adotaram as tradições dos Vikings em nomear lugares e, do mesmo modo, lugares eram frequentemente renomeados; daí, a simples existência de um topônimo de origem escandinava não ser uma garantia irrefutável de tratar-se de um povoamento também escandinavo.

Bibliografia

Fontes primárias

- Eirik vidfarnes saga*. Disponível em: http://www.heimskringla.no/wiki/Eirik_vidfarnes_saga. Acesso em: 2 de novembro 2009.
- Grettis Saga*. Disponível em: http://www.sagadb.org/grettis_saga. Acesso em: 2 de novembro 2009.
- Grænendinga saga*. Disponível em: http://www.heimskringla.no/wiki/Grænendinga_saga. Acesso em: 2 de novembro 2009.
- Njal's Saga*. Tradução Robert Cook. London: Penguin Books, 1997.
- The Anglo-Saxon Chronicle*. Translated with an Introduction by G. N. Garmonsway. London: Everyman, 1960.
- Domesday Book: a complete translation*. Translated by G. Martin, Ann Williams. London: Penguin Books, 1992.
- Domesday Book*. Disponível em: <http://www.nationalarchives.gov.uk/domesday/discover-domesday/>. Acesso em: 2 de novembro 2009.

Fontes secundárias

- BARBER, Charles. *The English language: A historical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- BAUGH, Albert; CABLE, Thomas. *A history of the English language*. 4th ed. London: Routledge, 1993.
- BUNACHAR LOGAINMEACHA NA HÉIREANN (Banco de Dados dos Topônimos da Irlanda). Disponível em: <http://www.logainm.ie/?text=wicklow&placeID=55959>. Acesso em: 1 fevereiro, 2010.
- CAMERON, Kenneth. *Place-Name evidence for the Anglo-Saxon invasion and Scandinavian settlements: eight studies*. Nottingham: English Place-Name Society, 1977.

- _____. *English place-names*. 3rd ed. London: B. T. Batsford, 1977.
- CLARK, Cecily. Onomastics. In: HOGG, Richard M. (ed.). *The Cambridge history of the English language: the Beginnings to 1066*. Volume 1. Cambridge University Press, 1992.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- DOWNHAM, Clare. *Viking kings of Britain and Ireland: the dynasty of Ívarr to A.D. 1014*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2007.
- FELLOW-JENSEN, Gillian. Scandinavian Settlement in Yorkshire – through the rear-view mirror. In: CRAWFORD, Barbara E. (ed). *Scandinavian settlement in Northern Britain: thirteen studies of place-names in their historical context*. London: Leicester University Press, 1995, pp.170-186.
- GLASSCOCK, Robin Edgar. *Historic landscapes of Britain from the air*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- HABERT, Wayne. *The Germanic Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- JONES, Gwyn. *A History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- LASS, Roger. *Old English: a historical linguistic companion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LOYN, Henry. *The Vikings in Britain*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994
- LOCKEWOOD, W. B. *Languages of the British Isles: past and present*. London: Andre Deutsch, 1975.
- MILLS, A. D. *A Dictionary of English placenames*. New York: Oxford University Press, 1991.
- MUGGLESTONE, Lynda (ed.). *The Oxford history of English*. Oxford University Press: Oxford, 2006.
- NEWTON, Sam. *The origins of Beowulf and the pre-Viking kingdom of East Anglia*. Cambridge: D.S. Brewer, 1994.
- NICOLAISEN, W. F. H; GELLING, Margaret; RICHARDS, Melville (eds). *The Names of Towns and Cities in Britain*. London: B. T. Bastford, 1970.
- ODENSTEDT, Bengt. *The history of English*. Lund: Studentlitteratur, 2000.
- ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- PYLES, Thomas. *The origins and developments of the English language*. New York: Harcourt-Brace Javanovich, 1964.
- REANEY, P. H. *The origins of English placenames*. London: Routledge and Kegan Paul, 1960.
- SPITTAL, Jeffrey; FIELD, John. *A Reader's guide to the place-names of the United Kingdom*. Stamford: Paul Warkins, 1990.
- TRUDGILL, Peter. *Language in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- WALSHE, M. O`C. *Introduction to the Scandinavian languages*. London: Andre Deutsch, 1965.
- WILSON, David M. *Scandinavian settlement in the north and west of the British Isles: an archaeological point-of-view*. Read at the Society's Conference 18 September 1975. London: Royal Historical Society, University College London, 1975.

NOTAS

¹ A área onde hoje se localiza a atual Noruega e Suécia era ocupada pelos Getas e Suiões; já a região onde hoje é a Dinamarca era habitada pelos Daneses, etnônimo do norueguês antigo *Danir* (cf. inglês *Danes* e latim *Dāni*, -*ōrum* “os Danos”), suplantando o inglês antigo *Dene* e ainda presente em *Denmark*. A forma portuguesa mais

corrente é *danês* (plural *daneses*), através do francês *danois*. São os ancestrais dos atuais dinamarqueses. A palavra “Dinamarca”, nome atual do país, provém dos elementos *Danes* e *Mark*, isto é, “a marca dos Daneses”.

² O **nórdico antigo** (ou **escandinavo antigo**) é uma língua germânica setentrional falada pelos habitantes da Escandinávia (e das regiões colonizadas por estes povos durante a Era Viking) até por volta do ano 1300 d.C.. Atestado já no século III de nossa era por inscrições rúnicas, se multiplicou em dialetos, hoje tornados verdadeiras línguas, guardando entre si muitas semelhanças: o *islandês*, o *norueguês*, o *sueco* e o *dinamarquês*. **Norueguês antigo** é um termo utilizado para designar a variante do nórdico antigo falada e escrita na Noruega durante a Idade Média. Do *islandês* se conservam documentos literários medievais de grande relevância para o estudo desses povos, entre os quais destacam-se as famosas *sagas* (aventuras, mistérios e biografias de reis). O inglês antigo e o nórdico antigo eram línguas bem próximas e logo não é de surpreender que muitas palavras em nórdico antigo soam familiares aos falantes do inglês contemporâneo, como, por exemplo, *armr* (arm “braço”), *fótr* (foot “pé”), *land* (land “terra”), *fullr* (full “cheio”), *hanga* (to hang “pendurar”), *standa* (to stand “ficar”) etc. Isso é porque tanto o inglês quanto o nórdico antigo se originam de uma protolíngua germânica. Além disso, um grande número de palavras do nórdico antigo de uso cotidiano foi incorporado ao inglês antigo durante a Era Viking.

³ Cf. Stockholm, formado com os elementos *stock* “tronco de madeira” + *holm* “ilhota”, possivelmente referindo-se à pequena ilha de Helgeandsholmen no centro da cidade.

⁴ O termo *Viking* aparece primeiramente em islandês sob a forma *vikingr* (Faarlund 2004: 25), supostamente formado a partir de *vik* “angra, ilhota” + *-ing*, sufixo anglo-saxônico formador de patronímicos, nesse caso com a acepção de “descendente ou proveniente de”. A palavra aparece em diversas pedras rúnicas encontradas na Escandinávia. Nas *Íslendingasögur* (“Sagas dos Islandeses”), *viking* se refere a uma expedição ultramarina (cf. o norueguês antigo *fara í viking* “seguir numa expedição”), enquanto *vikingr* designa “marinheiro ou guerreiro” que faz parte de tal expedição. Pode, entretanto, proceder do anglo-saxônico *wic* “aldeola ou acampamento”, pois a formação de acampamentos temporários era um traço notável das incursões vikings (Onions 1966: 980). No inglês antigo, a palavra *wicing* aparece primeiramente no poema anglo-saxônico “Widsith”, que data provavelmente do século IX. É importante ressaltar que os Vikings não adotavam essa denominação: eles se identificavam pela cidade ou região de origem da Escandinávia.

⁵ Na época dos Vikings, a área geográfica onde se encontra a atual Suécia era ocupada pelos Suiões e Getas; já a região da atual Dinamarca era habitada pelos Daneses e Jutos. A palavra *Dane* (do inglês antigo *Dene*, donde *Denmark*, isto é, “a marca dos Daneses”) costuma se referir a escandinavos de qualquer tipo; a maior parte dos invasores eram de fato dinamarqueses (falantes do nórdico oriental), mas também existiam entre eles noruegueses (falantes do nórdico ocidental). Veja-se Lass (1994: 187).

⁶ Sobre a presença dos Vikings na Groenlândia e na Vinlândia, veja-se *Grænlandinga saga*. Disponível em: http://www.heimskringla.no/wiki/Grænlandinga_saga.

⁷ A primeira influência foi dos Celtas que se estabeleceram nas Ilhas Britânicas por muitos séculos antes da chegada dos Romanos em 55 a. C.; a segunda foi dos próprios Romanos que introduziram na língua um expressivo número de palavras. Essa influência, entretanto, se deu por vias diferentes, como, por exemplo, pelo contato entre os romanos e as tribos germânicas no continente europeu, através da transmissão céltica e pelo Cristianismo introduzido em 597.

⁸ *Anglo-Saxon Chronicles*: compilação de várias fontes que diferem quanto à data e lugar de origem. Apresenta uma forma de diário que registra os fatos importantes ano a ano. A maioria das crônicas européias antigas foi preservada em latim. Das sete crônicas existentes em manuscritos, seis são totalmente em inglês antigo e a sétima parcialmente em latim.

⁹ *Canterbury*: cidade ao este do condado de Kent, região sudeste da Inglaterra. *Cantwaraburg* por volta de 900, *Canterburie* 1086. “Fortaleza ou cidade fortificada do povo de Kent”. Antigo nome céltico + os elementos anglo-saxônicos *ware* “barragem, dique” e *burh* “fortificação”. Originalmente uma povoação céltica conhecida como *Cantiaci* foi conquistada pelos romanos no século I d.C. e redenominada *Durovernum Cantiacorum*, significando “fortaleza dos Cantiaci junto ao bosque do amieiro”. Após a conversão do Reino de Kent ao Cristianismo em 597, Santo Agostinho fundou uma sé episcopal na cidade e se tornou o primeiro arcebispo de Canterbury. O assassinato de Thomas Becker na Catedral de Canterbury em 1170 levou a catedral a se tornar um

local de peregrinação para os cristãos de várias partes do mundo. Essas peregrinações forneceram o tema para a obra clássica de Geoffrey Chaucer no século XIII, intitulada *Canterbury Tales*.

¹⁰ **Danelaw**: como registrado nas *Anglo-Saxon Chronicles* (também conhecido como **Danelagh** (cf. inglês antigo: *Dena lagu*; dinamarquês: *Danelov*), é o nome dado historicamente à parte da Grã-Bretanha na qual as leis dos Daneses ("dinamarqueses") eram hegemônicas e sobrepujavam as leis dos Anglo-Saxões.

¹¹ Essa batalha ficou conhecida como **The Battle of Stamford Bridge** ("A Batalha de Stamford Bridge") e é considerada como o início da decadência dos Vikings na Grã-Bretanha. Teve lugar a 25 de Setembro de 1066, pouco depois de o exército viking, liderado por Haroldo Hardråde da Noruega, ter invadido a Inglaterra e derrotado o exército dos nórdicos Edwin de Mércia e Morcar da Nortúmbria na Batalha de Fulford, duas milhas ao sul de York. Essa batalha foi celebrada em um famoso poema em inglês anglo-saxônico, intitulado *The Battle of Maldon* de um poeta anônimo.

¹² Como os colonizadores nórdicos das ilhas se converteram ao Cristianismo, os soberanos vikings se tornaram os patronos – e não mais os saqueadores da abadia. Antes do século XI ela se tornou a sepultura dos reis nórdicos de Man e das Ilhas.

¹³ Situada na costa oriental, Norfolk era vulnerável às invasões da Escandinávia e do norte da Europa, e por isso se construíram fortalezas para defesa contra os Anglos e os Saxões. Até o século V os Anglos, que deram origem ao nome *England* (do inglês antigo *Engla land*, que significa "terra dos Anglos"), já haviam tomado o controle da região e mais tarde se tornaram os "North Folk" e os "South Folk", donde, "Norfolk" e "Suffolk". Norfolk, e várias áreas adjacentes, se tornaram o reino de Ânglia Oriental, posteriormente incorporando-se a Mércia e a Wessex. A influência desses povoadores pode ser percebida em diversos topônimos formados a partir dos elementos "thorpes", "tons" e "hams". No século IX, a região foi novamente atacada, dessa vez pelos Vikings que assassinaram o rei de Ânglia Oriental, Edmundo o Mártir (em 869 ou 870, conforme a *Anglo-Saxon Chronicle*). A **Ânglia Oriental** integrava a chamada Heptarquia anglo-saxônica: Northumbria, Mércia, Ânglia Oriental, Essex, Kent, Sussex e Wessex. Os reinos anglo-saxônicos por fim se unificaram no Reino da Inglaterra (927–1707).

¹⁴ Esse elemento geralmente aparece em nomes de lugares onde os Vikings se estabilizaram primeiro. Em Yorkshire, há mais de 200 nomes de lugar com esse elemento. O termo *by-law* passou para o inglês contemporâneo na acepção de "regulamento (de sociedade, corporação etc.) ou lei orgânica de uma cidade ou aldeia".

¹⁵ Pensava-se até recentemente que as formas em *hulme* representassem a grafia dinamarquesa da palavra *hulm*; e *hulm(e)* é na verdade encontrada nas grafias antigas de muitos outros nomes em que atualmente se emprega a forma *holme*. Já foi devidamente demonstrado, entretanto, que as formas com *-u-* ora refletem uma tradição dos copistas medievais, ora representam uma forma dialetal do inglês médio, e por isso não podem mais ser usadas como evidência para se estabelecer uma distinção entre assentamento dinamarquês e norueguês (Cameron 1961: 79).

¹⁶ É interessante observar que esse elemento é encontrado não somente em topônimos de origem anglo-saxônica, mas também em alguns nomes do sul da Escócia de origem gaélica, como por exemplo, Kirkcudbright (gaélico escocês: *Cille Chuithbeirt*, onde o segundo elemento é a forma gaélica de "Cuthbert", nome de um santo). Aqui, o elemento gaélico *cil-* "capela, igreja" é o que deveria ocorrer. Tudo indica tratar-se de um empréstimo.